

ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE GESTÃO AMBIENTAL ADOTADAS POR POSTOS DE COMBUSTÍVEIS NO MUNICÍPIO DE IJUÍ/RS¹

Emerson Juliano Lucca², Taíne Lopes Hoffmann³.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso técnico e administração SENAC.

² Professor, Economista, Mestre em Desenvolvimento, Analista Técnico Responsável Pelo Laboratório de Economia Aplicada da Unijuí, Professor Tempo Parcial FAL - Faculdade América Latina e Hora-Aula FEMA - Fundação Educacional Machado de Assis. Emerson.lucca@americalatina.edu.br

³ Aluna do Segundo Semestre do Curso de Administração da FAL – Faculdade América Latina – Ijuí-RS.

Introdução

A Gestão Ambiental manifesta-se junto dos avanços históricos da ciência, tecnologia e crescimento urbano. Conceitos como ecologia, desenvolvimento sustentável, preservação e consciência ambiental formam as diretrizes para a formulação de um sistema complexo que visa à empresa e a administração de recursos naturais em meio a práticas como extração, produção, distribuição ou comercialização de produtos e serviços que dependem permanentemente da utilização de tais recursos.

Como a atuação de postos de combustíveis é de forte impacto ambiental, podendo oferecer inúmeros riscos àqueles que têm contato com os materiais utilizados e os responsáveis por seu manuseio, existem medidas que precisam ser tomadas a fim de garantir a segurança dos colaboradores e também dos clientes destes postos de distribuição. Atividades como o próprio abastecimento de veículos, troca de lubrificantes, lavagens e serviços de borracharia geram resíduos sólidos e efluentes líquidos lesivos tanto para o meio ambiente quanto à saúde humana e de outros animais; substâncias tóxicas que em contato com outros elementos podem provocar reações indesejadas, contaminando o ambiente e provocando a morte ou a degradação de vida de seres vivos.

A importância e os benefícios da implantação de um Sistema de Gestão Ambiental (SGA), ou mesmo algumas de suas práticas, é inegável e, portanto, necessita ser explorada e compreendida de acordo com a realidade de cada empreendimento. Para tanto, recorre-se à bibliografia, a fim de buscar suporte para a fundamentação teórica necessária à compreensão dos principais conceitos que entornam a questão ambiental e que envolvem a atuação de empreendimentos como os de postos de distribuição de combustíveis.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

A implantação de um Sistema de Gestão Ambiental emerge como uma necessidade latente no contexto empresarial. A incorporação de práticas produtivas e distributivas limpas pode significar mudanças significativas no contexto da empresa, tanto no que diz respeito ao seu funcionamento interno, quanto na projeção de sua imagem ao consumidor, relacionamento com fornecedores e potenciais parcerias e clientes.

Quando considerada a hipótese e a necessidade da implantação de um Sistema de Gestão Ambiental, surgem também variáveis que podem afetar o funcionamento do processo de adesão às práticas. A Gestão Ambiental requer um envolvimento de todos os setores de atuação que constituem a empresa, contribuindo para o melhor fluxo de suas atividades, influenciando o seu desempenho final, seja na produção, na distribuição de produtos ou na prestação de serviços.

A atuação de postos de combustíveis, por envolver elevados índices de poluição, decorrentes da alta geração de resíduos e níveis abundantes de substâncias lesivas, faz gerar um grande ciclo de danos ambientais. Portanto, a empresa precisa prezar pela máxima qualidade e segurança na execução de suas atividades, independente de sua área de atuação ou dos materiais que dispõe. De acordo com Barbieri (2004 apud Venancio et al., 2008 p. 403), a responsabilidade ambiental independe “(...) da estrutura organizacional, do tamanho e do setor de atuação da empresa. Nesse conjunto encontra-se, em primeiro lugar, o comprometimento com a efetivação do SGA por parte da alta direção”. Características estas, pretensiosamente proporcionadas pela gestão ambiental que, como em qualquer ramo de operação, precisa seguir algumas diretrizes.

As determinações que nortearão o processo de implantação, seja de práticas ou de um Sistema de Gestão Ambiental, vão muito além da legislação vigente. Nem a certificação, nem a implantação de um Sistema de Gestão Ambiental são obrigatórias. Cada empresa pode instituir um Sistema de Gestão Ambiental próprio ou adaptado de um modelo preestabelecido, ou ainda, ações e práticas cabíveis; porém, com o compromisso de melhoria contínua, que garanta a busca constante por uma maior eficiência da atuação empresarial em relação às práticas de gestão ambiental adotadas.

Portanto a Gestão Ambiental não deve ser encarada como mero acessório empresarial, mas sim como uma característica que precisa estar intrínseca aos seus produtos e serviços prestados. Assim como a qualidade e o bom atendimento, as características dos impactos ambientais gerados por produtos e serviços projetam-se como fator indispensável a um consumo responsável e a uma cadeia produtiva sustentável.

A Gestão Ambiental empresarial surge junto da emergente demanda por práticas ambientalmente responsáveis e visa a estruturação de uma atuação produtiva comedida, principalmente no que diz respeito a recursos naturais essenciais à manutenção da qualidade de vida. Sua manifestação passa a ser necessidade irrevogável dentro do contexto competitivo, garantindo um ambiente de, no

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

mínimo, equidade entre as empresas no que diz respeito a suas obrigações. Denota um acervo de responsabilidades e comprometimento por parte daqueles que estão sujeitos à prestação de serviços, geração de produtos ou fornecimento de mercadorias. A incumbência de prezar pela qualidade e segurança naquilo que é posto em oferta no mercado, insere dentre as competências da empresa a avaliação de riscos de sua atividade e a identificação dos impactos causados pela mesma, além de buscar a extinção de ambos.

Para evitar a degradação provocada pelos resíduos gerados a partir da atividade de postos de combustíveis, são necessárias propostas viáveis de gestão ambiental. Ou seja, redução, reaproveitamento, reutilização ou reciclagem de resíduos; até mesmo a substituição de materiais pode ser realizada desde que resulte na minimização da agressão ao meio ambiente, entre outros fatores que garantam a qualidade na execução de tarefas por parte do quadro de funcionários. Assim, este estudo torna-se importante partindo do pressuposto que a exploração das atividades já realizadas em um município pode nortear e auxiliar a determinação de novas formas de gestão, encurtando caminhos e facilitando a melhor atuação possível dos postos de combustíveis no fornecimento de seus produtos e serviços, inovando sempre e adiantando-se aos fatores que podem limitar o desempenho desta atividade.

Metodologia

O estudo realizado foi embasado por bibliografia já existente acerca do tema Gestão Ambiental, incluindo gestão ambiental em postos de combustíveis e um modelo de gestão ambiental, o Modelo Winter. Apresenta como objetivo identificar as práticas potenciais e limitantes de gestão ambiental adotadas em postos de combustíveis no município de Ijuí/RS. Para tanto foi realizado o levantamento de dados bibliográficos que permitiram a exploração do tema, bem como estruturação de um questionário para a coleta de dados, a fim de levantar informações verídicas sobre a realidade municipal a respeito da atuação de postos de combustíveis quanto a sua responsabilidade e gerenciamento ambiental. Tal questionário foi aplicado em 14 postos de combustíveis, dos quais obtiveram-se resultados satisfatórios para a pesquisa.

Resultados e discussão

De acordo com Valle (2006, p. 72) “A Gestão Ambiental consiste em um conjunto de medidas e procedimentos bem definidos que, se adequadamente aplicados, permitem reduzir e controlar os impactos introduzidos por um empreendimento sobre o meio ambiente”. Já para Tinoco e Kraemer (2004, apud Venancio et al. 2008, p. 400), de uma forma menos ampla, “(...) gestão ambiental é o sistema que inclui, na estrutura organizacional, atividades de planejamento, responsabilidades, práticas, procedimentos, processos e recursos para desenvolver, implementar, atingir, analisar criticamente e manter a política ambiental”. Portanto, a Gestão Ambiental é uma ferramenta de medição e gerenciamento daquilo que envolve o meio ambiente, seja através da alocação, distribuição e emprego de materiais, de seu descarte ou do próprio uso de determinado espaço.

Macedo (1994, apud Venancio et al. 2008, p. 401) complementa que “(...) a gestão ambiental pode ser subdividida em quatro níveis: gestão de processos; gestão de resultados, gestão de sustentabilidade (ambiental); e gestão do plano ambiental”. Deste modo compreende-se como gestão de processos segundo o autor (1994 apud Venancio et al. 2008, p. 401) a “(...) avaliação da qualidade ambiental de todas as atividades, máquinas e equipamentos relacionados a todos os tipos de manejo de insumos, matérias-primas, recursos humanos, recursos logísticos, tecnologias e serviços de terceiros”, envolvendo os processos em todos os seus parâmetros.

A implementação acontece depois de os colaboradores já terem sido comunicados, conscientizados e treinados; a Gestão Ambiental só é eficiente quando toda a empresa atua em conjunto. É preciso “(...) manter o controle da documentação e assegurar a preparação e o atendimento de emergências”. (VALLE, 2006 p. 75) Para que a eficiência do planejamento seja garantida após a sua implantação, são conservados processos de verificação constantes, que têm por objetivo assegurar o cumprimento das práticas de acordo com os planos preestabelecidos. Estes podem apontar as falhas ou inconformidades do processo, permitindo sua correção o mais breve possível. Para garantir a melhoria contínua, são mantidas análises críticas periódicas, possibilitando o diagnóstico de falhas, identificação de novas práticas a serem incorporadas, oportunidades de melhorias, pequenas adaptações às exigências do público consumidor ou o próprio adiantamento ao que é requerido em lei.

Para Ribeiro e Gratão (2000, apud Venancio et al., 2008 p. 405) “(...) os postos de combustíveis são organizações comerciais que visam ao aumento de lucros, através da revenda de combustíveis automotivos e da prestação de serviços, além da redução de custos, através da minimização de perdas”. Atividades estas que apresentam um alto nível de degradação ambiental, pois de acordo com Venancio (2008, p. 405) “(...) toda instalação e sistemas de armazenamento de derivados de petróleo e outros combustíveis configuram-se como empreendimentos potencialmente ou parcialmente poluidores e geradores de acidentes ambientais”. Nellor e Brosseau (1995, apud Venancio et al. 2008, p. 405) ainda complementam que os postos de combustíveis realizam atividades como “A troca de óleos lubrificantes e fluídos automotivos, a lavagem de veículos, a troca e conserto de partes do motor, serviço de borracharia e lojas de conveniências”. Todas com potencial geração de resíduos e efluentes.

O modelo Winter de Gestão Ambiental, criado inicialmente para a empresa Ernst Winter & Sohn, responsável por tornar pública a proteção ao meio ambiente como um objetivo organizacional, é um Sistema Integrado de Gestão Ambiental que, segundo Donaire (2010, p. 110), “(...) incorpora a questão ambiental em todos os setores da empresa, desde a política de programação até a área de P&D, da gestão de materiais até a produção e reciclagem, da construção de instalações industriais até o equipamento e seleção dos veículos da empresa”.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Apresenta-se então, o modelo prático da gestão ambiental em integração com os demais setores da empresa, esquematizado por Donaire (2010, p. 109), conforme Figura 01.

O modelo propõe o estabelecimento de 20 módulos integrados que servem para facilitar a implantação das práticas de gestão ambiental. Pode ser compreendido como um Programa de Gestão Ambiental (PGA), a fim de dar suporte ao sistema adotado ou ainda nortear o estabelecimento de práticas de gerenciamento de recursos ambientais. Donaire (2010, p. 109) aponta como objetivos do Modelo Winter de Gestão Ambiental “(...) facilitar a sua implantação, a definição das prioridades e o respectivo cronograma de atuação”.

Os módulos integrados servem como uma previsão do que será executado. Desta forma, facilita a atribuição de prioridades de acordo com cada empresa, tornando-se um modelo flexível. Sua efetivação é realizada através módulos setoriais. Suas ferramentas são conhecidas do processo administrativo, algumas são até mesmo semelhantes a outros procedimentos de gestão, como a administração e seleção de materiais, investimentos em tecnologia de produção ou o próprio desenvolvimento do produto.

Conclusões Através do conhecimento obtido com a revisão bibliográfica realizada nesta pesquisa, o qual deu embasamento para a elaboração do questionário, foi possível mapear as potencialidades e limitações das práticas de gestão ambiental em postos de combustíveis no município de Ijuí/RS. Assim, neste capítulo, busca-se apresentar este mapeamento, concluindo a situação dos postos de combustíveis frente à realização destas práticas. Por se tratar de uma amostra, os resultados não devem ser interpretados como absolutos. As empresas acreditam desempenhar um bom papel e de fato o fazem, porém é importante perceber que a principal ferramenta para uma gestão de qualidade, ambiental ou não, é a melhoria contínua e para que se alcance essa condição é preciso estar aberto a encarar os gastos com gestão ambiental como custos necessários que serão revertidos em ganhos financeiros a longo prazo e portanto tornam-se investimentos. A empresa deve estar fisicamente estruturada para comportar todo o ciclo de Gestão Ambiental, os fornecedores devem ser mantidos dentro deste ciclo, bem como os clientes e suas exigências, expectativas. O pessoal deve estar bem treinado, incorporado ao Sistema de Gestão Ambiental, devem compreender o processo e sua importância, por isso a relevância da conscientização. A Gestão Ambiental é um processo ininterrupto, precisa estar sendo avaliado, testado e renovado sempre.

Utilizando-se da bibliografia consultada e do modelo estudado, percebem-se algumas semelhanças e divergências quando comparados perfis das empresas pesquisadas e o modelo de Gestão Ambiental utilizado. Podem ser apontados como fatores potenciais dos postos a realização de coleta seletiva, racionalização de recursos hídricos e energéticos, redução de desperdícios, entre outros. Ações que envolvem menos custos e são de simples realização.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Entretanto, algumas inconsistências podem ser percebidas, como, por exemplo, o fato de os investimentos em melhorias do espaço físico, a fim de comportar uma melhor estrutura para a adequação das práticas ambientais, serem realizados apenas às vezes. Assim como as informações de que os responsáveis só preocupam-se em realizar a correta disposição dos resíduos, ao invés de tentar evitar sua geração. As substituições de materiais por outros menos lesivos só são realizadas a pedido de clientes ou por sugestão de fornecedores, ou ainda quando algum órgão legal venha a proibir sua utilização. As empresas não comportam as práticas de aconselhamento ambiental familiar nem preocupam-se em orientar seus funcionários quanto ao seu período de alimentação, sugerindo a redução de desperdícios e correta distribuição de possíveis sobras. As empresas respondentes afirmam também não ter nenhum cartaz informativo sobre o não desperdício de recursos.

Embora respondam inserir a causa ambiental com frequência nos planejamentos de marketing, as empresas indicam considerar as expectativas dos clientes apenas às vezes. Pode-se relacionar ao fato de as empresas apontarem os gastos com gestão ambiental como custos, o que indica que eles não são encarados como um investimento que trará retornos financeiros, mesmo que em longo prazo. Ainda assim as empresas dispõem de Políticas Ambientais e PGA's, com bastante frequência. A relação das empresas com os órgãos públicos é entendida pela grande maioria como sendo boa, uma vez que todas responderam ter ciência sobre as normas legais e a maioria delas respondeu seguir tais normas. Como resultado, um número significativo de empresas nunca enfrentou ações judiciais decorrentes de má gestão ambiental; se consideradas aquelas que enfrentaram, o número de ações varia apenas de uma a cinco.

As empresas possuem condições de introduzirem um maior número de práticas e aperfeiçoar as já existentes, porém suas diretrizes e meios para chegar até o funcionamento de um SGA ideal parecem não ser suficientes. As empresas são limitadas pelas ferramentas que utilizam, ou que deixam de utilizar. É indispensável um mediador entre o planejamento e a correta execução de quaisquer práticas a serem implantadas. Esta mediação é realizada por PGA's bem estruturados que fornecem a manutenção aos ciclos de gestão, viabilizando a iniciação, o desenvolvimento e a finalização dos processos de forma adequada, e ainda por cima permite identificar e corrigir seus resultados negativos.

Embora um grande percentual das empresas tenha um número significativo de práticas já implantadas, estas mesmas são pouco exploradas, tornando-se isentas dos processos de verificação de qualidade ou possíveis correções. A identificação das falhas ocorridas durante o processo de gestão é indispensável, uma vez que dará início à busca por fazer suficientemente boas as práticas existentes, ou melhores aquelas que já são boas.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Um processo de Gestão Ambiental parcial pode desencadear custos elevados e baixos retornos financeiros para a empresa. Desta forma a falta ou a má execução de algumas práticas, além de gerar maiores custos, remanejamentos ou mesmo risco de acidentes, pode trazer uma visibilidade negativa para a empresa. Entretanto, sua estruturação completa e integrada pode auxiliar na projeção de uma imagem ambientalmente responsável, originando maior reconhecimento e consequentemente a ampliação dos lucros.

Palavras-Chave: Gestão Ambiental; Postos de Combustíveis; Modelo Winter.

Referências Bibliográficas

DONAIRE, Denis. Gestão Ambiental na Empresa. São Paulo. 2. Ed. – 13. Reimpr. : Ed. Atlas, 2010.

VALLE, Cyro Eyer do. Qualidade Ambiental – ISO 14000. São Paulo : Senac, 2006.

VENANCIO, Tania Luciane; VIDAL, Carlos Magno de Sousa; MOISA, Rubia Elaine. Avaliação da percepção da importância da gestão ambiental em postos de combustíveis localizados na cidade de Irati, Paraná. *Ambiência*, Guarapuava – PR, v.4 n.3 p.397-417, set./dez./2008 Disponível em <<http://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/143/157>> Acesso em: 24/07/2013.

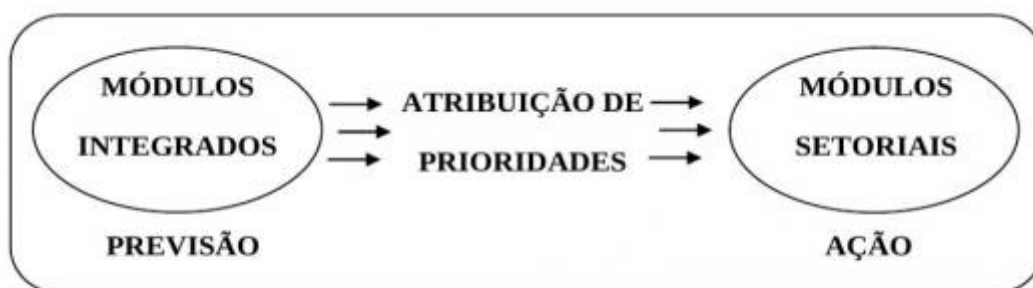


Figura 1 – Modelo Winter (Georg Winter, 2010).

Figura 01: Modelo prático da gestão ambiental em integração com os demais setores da empresa, esquematizado por Donaire (2010, p.109).